

UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA TRANSFOBIA A PARTIR DO CONCEITO DE INFAMILIAR

Mariana Hingst Goulart¹

André Alonso Marques²

Thiago Iluar Grott Januário³

Diogo Macedo Dalcastagne⁴

Gustavo Angeli⁵

RESUMO: Este trabalho problematiza a violência direcionada à pluralidade sexual e de gênero, fundamentado nas discussões teóricas dos estudos de gênero em diálogo com a psicanálise, com base na premissa do inconsciente freudiano e do conceito de infamiliar. A pesquisa foi construída com o método de psicanálise extramuros, que considera os conceitos de associação livre e de transferência, assim como do sujeito enredado nas questões sociais para além do tratamento clínico individual. Baseado numa notícia envolvendo o assassinato violento de uma mulher trans, questionamos sobre o estranhamento que o sujeito dissidente mobiliza no seu entorno ao representar um rompimento com a cis-heteronorma, a ponto de sofrer a violação e negação da sua existência. Discutir e desdobrar teoricamente problematizações em torno da violência de gênero, sobretudo a violência voltada à população transexual, é testemunhar e mobilizar-se a combater esse cenário social.

Palavras-chave: psicanálise; estudos de gênero; violência; transexualidade; infamiliar.

ABSTRACT: *This paper problematizes the violence directed at sexual and gender plurality, grounded in theoretical discussions from gender studies in dialogue with psychoanalysis, based on the premise of the Freudian unconscious and the concept of the uncanny. We conducted the research using the extramural psychoanalysis method, which considers the views of free association and transference, as well as the subject enmeshed in social issues beyond the scope of individual clinical treatment. Starting from a news report about the brutal murder of a trans woman, we question the unease that the dissident subject provokes in their surroundings by representing a rupture with cis-heteronormativity, so much so that it results in the violation and denial of their very existence. Theoretical discussion and elaboration around gender-based violence, especially that directed at the transgender population, is an act of bearing witness and mobilizing efforts to confront and resist this social reality.*

Keywords: *psychoanalysis; gender studies; violence; transsexuality; uncanny.*

1 Acadêmica de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFE. E-mail: mariana.goulart@unifebe.edu.br

2 Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque- UNIFE. E-mail: andre.marques@unifebe.edu

3 Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque- UNIFE. E-mail: Thiago.grott@unifebe.edu.br

4 Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque- UNIFE. E-mail: diogo.dalcastagne@unifebe.edu.br

5 Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia - UNIFE. E-mail: gustavooangeli@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

[...] E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas; que tenham outros problemas e encontrem novas soluções; E que eu possa viver nelas, através delas e nas suas memórias” (Linn da Quebrada, 2019).

Jasmyne, mulher transexual, foi morta nos seus 20 anos, por esfaqueamento, em 9 de janeiro de 2022. Esfaqueada várias vezes, inclusive no rosto, Jasmyne entra para as estatísticas de pessoas assassinadas no Brasil devido à sua identidade de gênero (Brito, 2022). O Brasil é o país que mais mata transgêneros⁶ no mundo. Entre outubro de 2020 e setembro de 2021, 125 pessoas trans foram assassinadas no país; 96% das vítimas foram mulheres e 80% se caracterizam como homicídios extremamente violentos, como nos casos de esfaqueamento ou carbonização (Brito, 2022; Pinheiro, 2022). Por outro lado, o Brasil é o país que mais consome pornografia de pessoas trans no mundo (Benevides, 2019), revelando um caráter de ambivalência entre o desejo e o ódio com relação aos corpos das pessoas trans.

Para desdobrar as questões em torno da violência oriunda da transfobia, este trabalho se fundamenta nos estudos de gênero em diálogo com a psicanálise. Lopes, Angeli e Souza (2021) destacam que os estudos de gênero encontram em Judith Butler uma referência fundamental para a compreensão das subjetividades, do conhecimento e da política, por utilizar-se de leituras pós-estruturalistas para questionar os conceitos de gênero e identidade, dialoga-se criticamente com Freud e Lacan, reconhecendo a teoria de Jean Laplanche sobre a sedução generalizada e o papel do outro na formação da subjetividade. Butler (2016) emprega essas referências para repensar a noção de um sujeito único, transparente e identitário, que é tradicionalmente considerado essencial para os movimentos sociais e a ação política. Em *Problemas de Gênero*, Butler (2016) enfatiza a importância de questionar a sexualidade, conforme discutida na psicanálise, e o gênero, conforme tratado nos estudos de gênero, o que levou ao desenvolvimento da teoria *queer* (Lopes; Angeli; Souza, 2021).

O conceito de violência é compreendido como um abuso de poder, em que a força é utilizada de maneira arbitrária pelo mais forte contra o mais fraco, numa relação de poder instituída socialmente. Lacan (1967/2003) articula a violência, a subjetividade e os pactos civilizatórios ao discorrer que o sujeito violento encontra neste ato uma maneira de gozar o seu desejo reprimido. Esse ato, portanto, transforma o outro num objeto de prazer para satisfazer o seu desejo. Dessa maneira, para a teoria psicanalítica, a violência pode ser potencialmente traumática quando uma experiência psíquica, devido à repetição ou intensidade, excede a capacidade de absorção do aparelho psíquico deste outro que é violentado (Costa, 2021).

Fundamentado na concepção de que o ato violento surge por meio do deslocamento de um objeto de desejo, questionamos como é possível que algo aparentemente estranho e desconhecido possa causar incômodo e, muitas vezes, mobilizar um ato violento contra pessoas trans. Uma vez relacionada com a subjetividade do agressor e impulsionada pelos imperativos sociais (Júnior; Besset, 2010), as manifestações de ódio contra esta população articulam-se na teoria psicanalítica com o conceito de infamiliar (1919/2019). Este conceito é resgatado para dialogar sobre a experiência de quando uma pessoa encontra algo que não reconhece conscientemente, mas que a afeta, despertando reações que não

⁶ Transgêneros com a terminologia demarcam o uso proposital do gênero neutro na escrita.

podem ser imediatamente compreendidas, pois se referem a um conteúdo reprimido. "A abordagem do estranho no texto freudiano mostra que o estrangeiro, embora cause horror, nunca é visto como completamente estranho, mas sim como algo que não pode ser traduzido, a estranheza do inconsciente" (Angeli, 2022, p. 45).

Ao percorrer e entrelaçar esses diferentes conceitos, esse trabalho visa problematizar a violência direcionada à pluralidade sexual e de gênero, fundamentado nas discussões teóricas dos estudos de gênero em diálogo com a psicanálise, com base na premissa do inconsciente freudiano e do conceito de infamiliar. A psicanálise é uma prática clínica, que se desdobra para além do divã à medida que se coloca a pensar o sujeito e a sua relação com a cultura, com a sociedade e a história (Marsillac; Bloss; Mattiazzi, 2019). A pesquisa foi realizada pelo método de pesquisa em psicanálise extramuros, que considera o sujeito enredado nas questões sociais para além do tratamento clínico individual (Rosa; Domingues, 2010).

A análise busca repensar, por meio da teoria psicanalítica, a dinâmica da violência sofrida pelas pessoas trans a partir do caso Jasmyne. A violência contra essa população é mobilizada por uma sociedade transfóbica, cujo sujeito violento é marcado por uma subjetividade que pôde simbolizar o seu desejo, deslocando para estas pessoas o seu objeto simbólico na busca por prazer. O infamiliar, nesse contexto, possibilita reflexões acerca das razões pelas quais a transexualidade torna-se alvo de ódio e ocupa essa posição de resposta pulsional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GÊNERO E SEXUALIDADE: DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E ESTUDOS QUEER

Em um cenário social marcado pelo hétero e cisnormatividade, as pluralidades de gênero e de orientação sexual podem se apresentar como uma afronta diante de conceitos predeterminados e que ocupam o lugar do que é normal. A existência e manifestação de outras formas de gênero e sexualidade questionam a norma estabelecida como parte de um contrato social que define o binarismo como destino. Esse pacto, para Freud (1919/2019), está associado a uma renúncia de prazeres sexuais em prol da continuidade da civilização.

A heteronormatividade é um construto que age para categorizar as relações humanas em um binarismo que organiza as práticas e os desejos com base em um modelo centrado no casal heterossexual reprodutivo: homem e mulher cisgênero (Souza, 2013). Essa forma de estruturação social é definida por Oyěwùmí (2021) como "bio-lógica", ou seja, relações e papéis de gênero constituídos com base na anatomia. A perpetuação desses papéis ocorre pela colocação do sexo como pré-discursivo, ou seja, anterior à cultura. Contudo, para Butler (2003), afirmar que a biologia é o destino é mais uma estratégia discursiva que normaliza a correspondência entre sexo e gênero, assim como os desejos heterossexuais. Os papéis de gênero, constituídos pela repetição do discurso e em atos performativos, ocorrem de forma que pareçam que estiveram sempre ali.

Quando a "cultura" relevante que "constrói" o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (Butler, 2003, p. 26).

Tal lógica se mantém, inclusive, pela patologização de identidades de gênero que não correspondem com a cisgeneridade, visto que a identificação com um gênero diferente do que foi designado socialmente continua a ser classificada como transtorno no DSM-V (APA, 2014). A sociedade cria as regras e as reproduz, compulsoriamente, pela punição severa daqueles que se identificam para além desses limites, rotulando-os até mesmo de doentes, para que esse sujeito seja o “consertado”.

A repressão, como defesa psíquica, não livra o sujeito do sofrimento, mas produz um sintoma que esconde uma angústia ainda maior. Nesse sentido, o sujeito que não se permite questionar sobre as diferentes possibilidades de existir no mundo, para além da norma cisgênero e heterossexual, evita também o encontro com a sensação de desamparo que é ter de traduzir e elaborar aspectos da sua própria subjetividade (Souza, 2022). Assim, a existência daqueles que representam essa pluralidade proibida incomoda, visto que remetem a questionamentos e desejos reprimidos. Nesse sentido, “aniquilar o que lembra que é possível ter prazer e existir de outra forma, para além da hegemônica, é um dos caminhos para continuar a servidão das inúmeras renúncias dos prazeres” (Souza, 2022, p. 165).

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1919/2010, p. 105) afirma que “a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto”, pois renúncias de impulsos primitivos organizadas na sociedade para o fim de continuidade e sobrevivência, tais como o incesto e o homicídio, geram o sentimento de culpa e de ansiedade e, na formação psíquica, o superego. O aparelho psíquico surge como forma de organização e defesa do excesso de impulsos sexuais. Da mesma maneira, todo o agrupamento humano “cria, dentro das suas referências sintagmáticas, dispositivos para lidar com as demandas dos impulsos” (Ceccarelli; Andrade, 2018, p. 236). Essas representações e defesas permanecem sempre insuficientes, visto que o material recalcado e reprimido sempre retorna.

Nas sociedades ocidentais, o gênero é anterior à própria constituição psíquica, visto que, ainda antes do nascimento, a criança é designada como menina ou menino e cercada de mensagens que definem quem e como esta deve ser. Os cuidadores possuem papel fundamental na reprodução dessa concepção binária de gênero: o menino e a menina possuem roupas, cores, tipos e brincadeiras, formas de se sentar e de gesticular detalhadamente definidas.

[...] a criança, que teve um determinado gênero atribuído, tentará dar contornos para a sua pluralidade enigmática de acordo com o seu sexo anatômico e com aquilo que a sua pequena sociedade permite e, consciente e inconscientemente, coloca como parâmetro (Martinez; Souza, 2014, p. 180).

Nessas condições, o sujeito tem de dar conta da sua própria sexualidade, como também daquilo que é depositado sobre ele de forma discursiva, mas também para além da linguagem. Entre os caminhos possíveis, há aqueles que se encontram para além da normatividade, caminho que por vezes se trilha com muito sofrimento diante das impossibilidades ditadas no social.

2.2 ATERRORIZANTE FAMILIARIDADE: O CONCEITO PSICANALÍTICO DO INFAMILIAR

No texto “*Das Unheimlich*”, da sua tradução “O infamiliar” ou “Inquietante”, Freud (1919/2019) inicia com o questionamento sobre a “doutrina do belo”, adota uma postura crítica em relação ao foco predominante dos estudos estéticos da época, que se encontravam frequentemente no belo. Freud (1919/2019) demonstra interesse pelo oposto do belo, ou seja, pelo grotesco, pelo repugnante e pelo penoso. O autor propõe investigar as características de uma sensação que até então havia recebido pouca atenção no campo da psicanálise. Inicialmente, o autor recorre ao campo estético para justificar a investigação que desenvolveu a seguir. Freud (1919/2019) observa que os psicanalistas raramente se sentem estimulados a realizar investigações estéticas, mesmo que não restrinjam a estética à doutrina do belo, mas a descrevem como a doutrina das qualidades do sentir.

O conceito de Infamiliar, segundo Freud (1919/2019), está relacionado a sentimentos aterrorizantes que provocam angústia e horror. Freud (1919/2019) critica os estudos estéticos, que se preocupavam mais em investigar o belo, a nobreza e, de forma geral, os elementos que retratam a perfeição das produções humanas. Logo, enfatiza as descrições dos aspectos aterrorizantes do infamiliar, que nem sempre são usadas de forma rigorosa, mas que geralmente coincidem com aquilo que provoca angústia. Essa ênfase é fundamental para o desenvolvimento subsequente do texto freudiano e para a investigação aqui proposta, pois se visa alcançar uma definição satisfatória sobre o infamiliar e os seus aspectos angustiantes.

Segundo Marchezane (2021), Freud adverte que o Infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, remete ao velho conhecido e íntimo há muito tempo. Dessa forma, a sensação do Infamiliar não seria o aterrorizante na sua totalidade, mas uma experiência que se aproxima dele, diferencia o aterrorizante do infamiliar. Ou seja, o pavor ocasionado pelo diferente se daria não apenas pelo medo do desconhecido, mas também porque houve naquilo algo de uma natureza não tão estranha. O Infamiliar seria aquilo que não deveria ter aparecido, mas apareceu (Freud, 1919/2019).

Freud (1919/2019) faz duas observações relevantes sobre a experiência do infamiliar. Primeiramente, afirma que esta condiz com o retorno de conteúdos reprimidos. Em segundo lugar, argumenta que, se aquilo que foi reprimido retorna como infamiliar, logo, não é algo novo, mas sim algo previamente conhecido e íntimo na vida psíquica, um componente íntimo e doméstico da psique que ressurge. Logo, aquilo que é familiar (*heimlich*) pode se associar ao que é Infamiliar (*unheimlich*). Ou seja, traduz-se como uma repetição diferencial e que deve se repetir de forma que evoque uma nova e perturbadora sensação, ainda que mantenha uma familiaridade subjacente:

[...] o que jamais se deu na experiência não pode ser temido. Só há *Unheimlich* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como diferente. O *Unheimlich* é uma repetição diferencial e não uma repetição do mesmo. Freud refere essa repetição à própria natureza das pulsões, “uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer (Garcia-Roza, 1986, p. 24-25).

Portanto, podemos refletir sobre a indignação de um sujeito que se revolta perante as manifestações da pluralidade sexual e emana por meio do horror causado ao se deparar com um pedaço de si mesmo que deveria ter permanecido inconsciente, pois ao lidar com o diferente ele reverbera e transforma, faz com que, de alguma forma, misture-se a ele (Miskolci, 2015). Existe uma ameaça inexplicável quando alguém se confronta com algo desconhecido, que lhe suscita uma estranheza, pois a pessoa encontra algo que não reconhece conscientemente, mas que a afeta profundamente. Isso desperta sentimentos e questões que não podem ser imediatamente traduzidos.

Como se pode explicar que algo que causa incômodo e parece desconhecido possa gerar uma reação tão intensa e significativa? A abordagem do estranho no texto freudiano mostra que o estrangeiro, apesar de causar horror, nunca é percebido como completamente estranho, ao revelar algo que não pode ser traduzido, a estranheza do inconsciente (Angeli, 2022). A pluralidade de gênero e as diferentes formas de viver a sexualidade podem evocar algo que, embora familiar, é reprimido ou negado pelo inconsciente.

2.3 A VIOLÊNCIA NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: ENTRE O EU E O SUPEREU

A violência tem estado em diferentes áreas da vida dos sujeitos, seja por meio das relações que este estabelece consigo mesmo ou com a sociedade. Esta constitui um objeto de investigação e pesquisa cuja definição é ampla para a teoria freudiana, já que nos escritos a temática surge a partir da apresentação de outros conceitos, como o de agressividade. Desse modo, o conceito de violência comporta diferentes fenômenos e deve estar constantemente sendo repensado na teoria psicanalítica, com base no contexto social em que se insere (Júnior; Besset, 2010).

No seu texto “Mal-estar na civilização”, Freud (1930/2010) discorre sobre a agressividade como algo pulsional que o ser humano busca satisfazer. Esse desejo por agredir contrasta com o Supereu, que se organiza por meio do cumprimento de uma consciência moral no âmbito social, sendo este último tomado sob forte influência daqueles que detêm o poder sob a civilização, como o Estado e a religião. Portanto, diante da agressividade, existe uma tensão entre o rigor do Supereu e o próprio Eu do sujeito, que irá deslocar para si a mesma agressividade que gostaria de satisfazer com outro indivíduo.

Mais adiante, a agressividade será retomada por Freud para introduzir a violência na carta “Por que a guerra?” (1932/2010), endereçada a Albert Einstein. Em primeira instância, a violência se apresenta relacionada com o pulsional que surge da agressividade como modo de satisfazer o desejo. Posteriormente, Freud torna explícito que a violência é um instrumento utilizado para instituir leis e resolver os conflitos de interesse que existem em sociedade, fazendo com que a guerra seja uma consequência dos conflitos de poder existentes no processo de civilização.

Com base nestes escritos, Costa (1986) aponta que a violência se apresenta enquanto uma manifestação da agressividade, entretanto reforça que não se pode atribuir à agressividade toda a responsabilidade pelo aparecimento da violência. Problematisa-se o argumento de pensarmos a violência apenas como uma pulsão resultante da agressividade. Pois, além de implicar uma forma de justificar ou condenar o comportamento humano, o argumento de que a agressividade parte da pulsão coloca o ato violento como algo irracional, regido apenas pelo emocional e sem nenhuma razão. Na psicanálise, pensa-se que, para além da irracionalidade

do ato, existe uma razão para essa agressividade, que implica objetos substitutivos. Toma-se como exemplo o ato de esmurrar uma porta quando desejava bater em outro indivíduo; a irracionalidade de violentar esse objeto é um produto secundário de uma violência racional. Portanto, esse objeto de agressividade do sujeito pode ser deslocado, resultando, assim, na existência de uma violência racional, que ocorre quando dirigida contra o objeto “adequado” ao desejo, e uma irracional, que se dirige ao objeto substitutivo.

Na sociedade contemporânea, a violência apresenta implicações para além do social e do cultural, que atingem também aquilo subjetivo por meio da renúncia do gozo. Lacan (1967/2003) já denunciava que esse gozo, que implica satisfação de uma pulsão, tem como obstáculo a formação humana, cuja tendência é freá-lo. Nesse contexto, a violência está atrelada às renúncias que o sujeito faz para habitar numa determinada cultura ou civilização. O sujeito violento goza o desejo reprimido pelas normas instituídas pela civilização por meio do ato, regido por mobilizações inconscientes e deslocamentos para Outro simbólico (Júnior; Besset, 2010).

O sujeito violento encontra sentido no ato diante daquilo que é impossível de dizer na civilização que habita. Reintroduz a palavra onde existe violência, a fim de permitir a simbolização e as elaborações do sujeito. Ressalta-se que, como um sintoma de possível intervenção da psicanálise, a relação do sujeito violento com o seu gozo deve partir de fazer com que esse sujeito, em primeira instância, reconheça este como tal. Com base nisso, a psicanálise propõe-se a colocar o sujeito em uma posição de questionar os imperativos da civilização e o seu gozo, para que este vislumbre seu desejo e reinvente o seu lugar no mundo. Portanto, a psicanálise trata a violência como um sintoma para o sujeito poder construir um saber sobre si a partir dela (Júnior; Besset, 2010).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Alicerçado na pesquisa com o método psicanalítico, este artigo problematiza e analisa a violência direcionada à pluralidade de gênero ilustrada na lamentável morte de uma mulher transexual de vinte anos. O método psicanalítico destaca pela especificidade da prática em psicanálise, ou seja, a partir da premissa do conceito de inconsciente freudiano, associação livre, da atenção flutuante e da relação transferencial do pesquisador para o objeto pesquisado (Costa; Poli, 2006). O pesquisador se envolve com a pesquisa e permite o seu avanço conforme ela se desdobra (Figueiredo e Minerbo, 2006). Dito de outra maneira, a pesquisa com a psicanálise, ou seja, a partir da sua prática, tem como efeito uma transformação mútua, do pesquisador e do objeto pesquisado.

Existem conceitos que fornecem suporte e fundamentação para o objeto de estudo. No entanto, é especialmente importante a relação entre o pesquisador, o objeto e o sujeito pesquisado. Dessa interação, unida ao suporte teórico e conceitual, é que a pesquisa em psicanálise se desenvolve. Portanto, o conhecimento produzido nessa relação envolve tanto o pesquisador quanto o pesquisado (Costa; Poli, 2006).

Essa pesquisa baseia-se no conceito de psicanálise extramuros, uma abordagem de pesquisa que considera o sujeito enredado nas suas questões sociais e políticas para além do *setting* terapêutico (Rosa; Domingues, 2010). No caso da presente pesquisa, isso se configura nas problematizações sociais e políticas da violência voltada à pluralidade sexual e de gênero no contexto

específico da brutal morte de Jasmyne, morta aos 20 anos a várias facadas. Ao que indica a matéria, Jasmyne foi morta enquanto trabalhava como profissional do sexo, possivelmente por um cliente.

A escolha do caso se dá pela violência que marca a sua morte, assim como pela sua representação com relação à maioria dos assassinatos de pessoas trans no Brasil: mulheres e profissionais do sexo (Brito, 2022; Pinheiro, 2022). A escolha abre possibilidade de discussão sobre o caráter de ambiguidade entre prazer e ódio com relação aos corpos trans, que se revela na liderança de estatística na busca em sites de pornografia, ao mesmo tempo que se lidera no ranking de assassinatos de pessoas trans. Neste estudo, o método de pesquisa psicanalítico permite problematizar a violência de gênero voltada às pessoas trans com base na premissa do inconsciente, do conceito de associação livre e da transferência alicerçada na abordagem da psicanálise extramuros.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

4.1 O CASO JASMYNE E A VIOLÊNCIA DIRECIONADA À COMUNIDADE LGBT+

Os casos de LGBTfobia são investigados por meio de relatórios e dossiês anuais elaborados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (Benevides, 2023) e pelo Grupo Gay da Bahia (Oliveira, 2020). Conforme o dossiê da ANTRA, houve um aumento de mais de 10% nos assassinatos de pessoas trans em 2023, com 155 mortes registradas, das quais 145 foram assassinatos e 10 suicídios (Benevides, 2023). O Grupo Gay da Bahia revela que a cada 26 horas, uma pessoa LGBT+ é morta de forma violenta devido à LGBTfobia no Brasil (Oliveira, 2020).

Segundo os Dossiês “Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras” publicados pela ANTRA entre 2014 e 2025, o Brasil se mantém como o país que mais mata pessoas trans no mundo por 16 anos consecutivos. Ao longo da última década, a média anual de assassinatos ultrapassa 120 casos, com anos críticos como 2017, que registrou 179 mortes, e 2020, com 175 assassinatos. Mesmo com uma ligeira queda em 2024 (122 mortes), a ANTRA adverte que isso não representa melhora real, já que os dados são severamente subnotificados — 89% dos casos são identificados via imprensa, uma vez que o Estado brasileiro ainda não coleta dados oficiais com recorte de identidade de gênero.

A maioria das vítimas ao longo dos anos são mulheres trans e travestis (entre 95% e 98% dos casos), negras (com percentuais variando entre 75% e 80%), jovens de até 35 anos e em situação de vulnerabilidade social. A região Nordeste lidera o número de casos na maioria dos anos, sendo estados como Ceará, Pernambuco e Bahia frequentemente citados entre os mais letais. Os assassinatos ocorrem predominantemente em via pública (mais de 75%) e com crueldade: esfaqueamentos, espancamentos e múltiplos disparos são recorrentes, e há registros anuais de casos de carbonização e mutilação (Antra, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025).

Além disso, aproximadamente 80% das vítimas são profissionais do sexo, o que denuncia a exclusão estrutural que empurra essa população para contextos de risco. Os Dossiês também registram outras formas de violência além do homicídio, como agressões físicas, psicológicas, violência institucional, expulsão

escolar, violências policiais, mortes por negligência médica e suicídios. A ANTRA ainda denuncia a invisibilização dessa população nos espaços de decisão política e a omissão estatal, apontando que a violência sistemática é atravessada por marcadores de gênero, raça e classe que operam conjuntamente na necropolítica brasileira.

Esses relatórios e dossiês são produzidos de maneira não governamental, portanto, há subnotificações resultantes de uma política pública que dificulta o registro de casos de LGBTfobia, pois muitas vezes não são legalmente reconhecidos como violência de gênero. Frequentemente, esses casos são registrados como homicídios e suicídios sem a qualificação da LGBTfobia. Esses documentos evidenciam as formas extremas de violência atuais, como assassinatos e suicídios motivados pela LGBTfobia.

Um exemplo trágico dessa violência é o caso de Jasmyne, uma jovem mulher trans de 20 anos, que foi brutalmente esfaqueada e morta em 9 de janeiro de 2022, durante o mês da visibilidade trans. Ela sofreu múltiplos golpes, inclusive no rosto, adicionando-se às alarmantes estatísticas de homicídios de pessoas trans no Brasil, motivados por sua identidade de gênero (Brito, 2022; Pinheiro, 2022).

Desse modo, lamentavelmente, o caso de Jasmyne se trata de mais uma morte brutal originada pela violência de gênero, especificamente a direcionada às pessoas trans no Brasil. Isso porque a violência que marcou o interrompimento da sua vida aconteceu devido à sua maneira dissidente da cis-heteronorma de se identificar e de viver a sua identidade de gênero.

4.2 EXISTÊNCIA PERMITIDA COMO MARGINALIZADA

Jasmyne trabalhava como profissional do sexo, portanto, assim como acontece com muitas mulheres trans e travestis, que encontram diversas barreiras e violências para conseguir adentrar no mundo do trabalho (Veras; Markman, 2022), a sua fonte de renda era proporcionar prazer para aqueles que a procuravam de forma escondida, enquanto publicamente enfrentava a violência e a tentativa de apagamento da sua existência. Em depoimento, uma amiga de Jasmyne afirma:

Somos seres humanos, somos pessoas. Queremos emprego, queremos trabalhar, queremos oportunidade. Queremos estar fora do mundo da prostituição. [...] São poucas as mulheres trans que têm alguma oportunidade em outras áreas de trabalho (O Globo, 2022).

Há uma enorme contraditoriedade: o alto índice de assassinatos violentos contra pessoas trans e, ao mesmo tempo, a busca por pornografia envolvendo os seus corpos nos leva a problematizar sobre o desejo que mobiliza a procura por prazer com os corpos trans e, por outro lado, a violência que fere e tenta apagar a sua existência.

A violência direcionada a mulheres trans e travestis acontece diariamente e não somente pela agressão física, mas pela negação de vagas de emprego, pelas dificuldades enfrentadas em ingressar e permanecer nas universidades, pela tentativa de cura da sua identificação de gênero, pela objetificação dos seus corpos quando são violentados e negados como sujeitos, mas procurados como objeto de prazer nas ruas e nos sites de pornografia.

A negação das pulsões advinda das regras criadas em sociedade provoca a repressão de desejos que não tiveram a possibilidade de serem elaborados pelo sujeito (1919/2010). Entre os dispositivos de controle constituídos socialmente está a criação da cisheteronorma como um construto que limita a binaridade de gênero e as relações sexuais e românticas a uma opção restrita à qual todas as pessoas deveriam corresponder. As identidades dissidentes são aquelas que não correspondem de alguma maneira a essa norma e, portanto, identificam-se de forma plural e diversa (Hoppe, 2023). São pessoas que ousaram romper uma regra e que, como consequência, sofrem várias formas de apagamento na sua condição de sujeito, seja pela violência física, verbal e sexual, pela patologização, pela negação de direitos, entre outras.

A existência dessas identidades dissidentes e da mobilização contraditória que acontece no seu entorno nos remete à existência no ser humano de um desejo pelo diverso, cujas fantasias que nos constituem sempre escapam de alguma maneira aos limites impostos pela norma:

O sexual é polimorfo, múltiplo e perverso; é o recalcado por excelência, que se manifesta nas fantasias e nos devaneios, nos atos falhos e nas ocasiões quando somos surpreendidos pelo estranho (*Das Uheimlich*) em sua busca anárquica, incessante e amoral do prazer, na qual a procriação está ausente e o objeto é que menos importa, tudo serve, embora nada satisfaça, para que a tensão diminui: a força do impulso constante (Ceccarelli, Andrade, 2018, p. 236).

Assim sendo, a repressão não dá conta de recalcar o que constitui o inconsciente. O que não teve lugar para ser elaborado pode retornar em sintomas nos quais o psiquismo tenta simbolizar esses conteúdos reprimidos. Ao se deparar com o estranho do outro, há, na verdade, um encontro com o estranho. O infamiliar seria aquilo que as vivências dissidentes mobilizam no seu entorno. Ao mesmo tempo que há um estranhamento com a sua existência, há uma lembrança de um desejo inconsciente recalcado em prol da norma social. Isso não implica uma interpretação simplista de que, por exemplo, todo homofóbico seja homossexual, mas que essa não conformidade pode ter sido motivo de questionamentos e desejos em momentos da sua existência, visto que a sexualidade e o gênero não são um dado pronto, mas uma elaboração no decorrer da vida, contudo, que se atravessa pelos limites impostos pela sociedade.

As renúncias que o sujeito faz para conviver em determinado contexto social provocam um deslocamento para outras formas de se dar conta daquilo que é mobilizado pelo inconsciente (Júnior; Besset, 2010). Nesse sentido, a violência direcionada aos corpos trans e de outras dissidências, numa sociedade estruturada de forma discriminatória com relação às pluralidades, se torna uma forma de contato aceitável com esse corpo que é infamiliar. Aceitável porque, ainda que seja crime em lei, pelo pacto social de renúncia pulsional, ela é incentivada para manter a estrutura intacta e não se importar com ela, portanto, não se tem a ver com o estranho em si mesmo.

A violência, dessa forma, é uma resposta pulsional, uma saída para lidar com aquilo de tão estranho ou infamiliar que surge ao se deparar com uma pessoa trans. A violência é uma tentativa de continuidade, completude e busca a uma estabilização sem conflitos ou questionamentos, como um esforço de apaziguar a angústia ocasionada pela perda da verdade (Lopes; Angeli; Souza, 2022), neste caso, a binaridade e a heteronormatividade.

Perante a desestruturação psíquica causada por este conflito, a violência pode se apresentar, por um lado, como uma forma de encontro com esse corpo que lhe suscita algo que é proibido, enquanto por outro, uma tentativa de aniquilação desse desejo neste corpo que é estranho, mas não tanto. O sujeito enxerga na destruição do corpo do outro uma oportunidade de destruição de uma parte indesejável da sua própria constituição (Souza, 2022).

Ao aderir ao pensamento de Butler (2016), que denuncia o impacto da heteronormatividade e o sistema sexo/gênero/desejo e a busca por manter as relações e identificações de gênero e sexualidade nesta fixação. Em concomitância, Freud (1919/2019) aponta o infamiliar como aquilo que deveria se manter escondido, mas aparece, pode-se indicar que a existência de uma pessoa trans causa em quem a violenta a desestabilização daquilo que lhe parecia seguro, imutável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações sociais são complexas e parecem se desenvolver em volta de contratos sociais, sendo uns mais aceitos e normalizados que outros. Ao discutir sobre as questões de gênero e as relações que fogem ao padrão da heteronormatividade, essas narrativas envolvem nuances ainda mais complexas. Quando alguém ousa se manifestar de maneira diferente da habitualidade, isso parece incomodar, por poder despertar no outro, dúvidas sobre as suas próprias escolhas e desejos, fazendo com que aquele que escolheu se manifestar de maneira subversiva sofra sanções por romper com o pacto social.

A sexualidade não é um dado pronto, que nasce com o sujeito, como também não é determinada pelo meio, mas algo a ser traduzido durante a vida. As relações primárias e os discursos que circundam o sujeito desde o nascimento transmitem mensagens que reproduzem o pacto de renúncias pulsionais e as regras sociais que o envolvem de maneira transgeracional. Essas e outras interações que ocorrem durante a vida são aspectos a serem elaborados e significados pelo sujeito, e os resultados desse processo podem ser altamente diversos. Descobertas e traduções são contempladas por questionamentos que muitas vezes não possuem espaço no meio social, levando a processos de recalcamento e, quando se dá lugar à dúvida e a outras possibilidades, se enfrenta a discriminação e violência, como na ocorrência de casos similares ao de Jasmyne (Freud 2010/1930; Butler, 2003; Ceccarelli, Andrade, 2018).

Como teoria e prática clínica, a psicanálise tem um papel fundamental nas problematizações e no combate à violência de gênero. O diálogo entre a teoria freudiana da constituição psíquica e sexual e as teorias *queer* tem provocado importantes mobilizações e novas discussões diante da complexidade que revela ser o campo das sexualidades e dos gêneros. Discussões essas que não buscam traduzir e fornecer respostas prontas para aquilo que há de ser elaborado pelo sujeito nas suas relações, mas indagar com a intenção de combater as violências sofridas pela comunidade LGBT+. A possibilidade de rever a própria teoria psicanalítica baseada na perspectiva dos estudos de gênero é um compromisso ético, social e político, tendo como horizonte o sofrimento psíquico. E, como o caso de Jasmyne, uma problemática social que subalterna e define corpos que importam e corpos que não são passíveis de vida.

Dessa forma, discutir e desdobrar teoricamente problematizações em torno da violência de gênero, sobretudo a violência voltada à população trans, é testemunhar e dar lugar a esse terrível cenário social. Combater a violência de gênero pode ser, inicialmente, reconhecer e nomear algo tão terrível como a morte de Jasmyne.

REFERÊNCIAS

ANGELI, Gustavo. **Supervisão e a Escuta Psicanalítica na Clínica-Escola: a experiência clínica de acadêmicos-estagiários**. 2022. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2015**. Brasília: ANTRA, 2016. Disponível em: <https://antrabrasil.org>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2016**. Brasília: ANTRA, 2017. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2017/01/29/dossie-2016/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2017**. Brasília: ANTRA, 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2018/01/29/dossie-2017/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2018**. Brasília: ANTRA, 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2019/01/29/dossie-2018/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. Brasília: ANTRA, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/01/29/dossie-2019/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Brasília: ANTRA, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2021/01/29/dossie-2020/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: ANTRA, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2022/01/29/dossie-2021/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília: ANTRA, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2023/01/29/dossie-2022/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília: ANTRA, 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2024/01/29/dossie-2023/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2024** (dados parciais). Brasília: ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRITO, Aline. Jovem transsexual é morta a facadas em Alagoas. **Correio Braziliense**, Maceió, 10 jan. 2022. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/01/4976607-jovem-transsexual-de-20-anos-e-assassinada-a-facadas-em-alagoas.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BENEVIDES, Bruna. Brasil lidera consumo de pornografia de pessoas trans no mundo (e de assassinatos). **Revista Híbrida**, 2019. Disponível em <https://revistahibrida.com.br/brasil/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e perversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto; ANDRADE, Eduardo Lucas. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 21, p. 229-250, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/CH3tBWTgMrsmfrzXCsg99cC/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2021. 248 p.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

COSTA, Ana; POLI, Maria Cristina. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. **Pulsional**, São Paulo, ano XIX, n. 188, p. 14-21, dez. 2006.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&. Acesso em 24 jun. 2024.

FREUD, Sigmund. (2019). O infamiliar. In: **O infamiliar [Das Unheimliche] seguido de O homem da Areia** / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). (E. Chaves, P. H. Tavares, trads.) Belo Horizonte–MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? In: **Obras completas v. 19**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Obra original publicada em 1932).

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização. In: Freud, Sigmund. **Obras completas volume 18**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 10 (Obra original publicada em 1930).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro–RJ: Zahar, 1986.

GONCALVES, Ricardo César; CECCARELLI, Paulo Roberto. O unheimlich e as transexualidades. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 54, p. 119-1129, dez. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000200012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 19 fev. 2025.

HOPPE, Sabrina Sarmiento. O Desmentido na Escuta Psicanalítica das dissidências sexuais e de gênero. **Diaphora**, v. 12, n. 1, p. 58-63, jun. 2023. Disponível em Vista do O Desmentido na Escuta Psicanalítica das dissidências sexuais e de gênero (sprgs.org.br). Acesso em: 30 jul. 2024.

JÚNIOR, Jurandyr Nascimento Silva; BESSET, Vera Lopes. Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? **Fractal: Revista de Psicologia**, v 22, núm. 2, p. 323-336, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/fractal/a/3FRQR7hwYY3cqMMGX9NQ65H/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

KOLTAI, Caterina. A tentação do bem: o caminho mais curto para o pior. **Ágora**, v. 5, n. 1, p. 9-17, jan./jun. 2002. Disponível em SciELO Brasil - A tentação do bem: o caminho mais curto para o pior... A tentação do bem: o caminho mais curto para o pior.... Acesso em: 15 jun. 2024.

LACAN, Jacques. (1967) Alocução sobre as psicoses da criança. In: LACAN, Jacques, **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 359-368.

LINN DA QUEBRADA. Oração. In: **TRAVA LÍNGUAS**. São Paulo: Independente, 2022. Disponível em: Spotify. Acesso em: 23 jun. 2024.

LOPES, Fabrício Ricardo; ANGELI, Gustavo; SOUZA, Mereti de. "QueerMuseu: Cartografias da diferença na arte brasileira" e violência à pluralidade na sexualidade de gênero. In: SOUZA, Mereti de. **Democracia em tempos difíceis**: interdisciplinaridade, política e subjetividades. Curitiba: Appris, 2022, p. 159-182.

MARCHEZANE, Danty Dias. **Do Infamiliar [Unheimliche] ao objeto a**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/53203>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MARTINEZ, Viviana Carola Velasco; ANGELI, Gustavo. Joana Nolas e o enigma de gênero: uma discussão psicanalítica da transexualidade. **Revista Estudos Feministas**, vol. 27, núm. 1, 2019, pp. 1-14. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/vwMYNMY9R4wkpcSTkjh7HbN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 nov. 2022.

MARTINEZ, Viviana Carola Velasco; SOUZA, Ivy Semiguel Freitas. "O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero". **Cadernos de Psicanálise**, v. 36, n. 30, p. 171-197, jan/jun. 2014.

MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de; BLOSS, Gersa Morgana; MATTIAZZI, Thiciara. Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 787-808, 3 dez. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro, <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2019.46918>, 2023.

MEZAN, Renato. Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos, reflexões. In: MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 395-435. 2002.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e ampl. - Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2015

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil**- 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Nascimento, Wanderson Flor do. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. **Brasil de Fato**, São Paulo, 23 jan 2022. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo> Acesso em: 20 nov. 2022.

ROSA, Miriam Debiuex; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**. v. 22(1), 180-188. 2010.

SOUZA, Eloisio Moulin de. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**: São Paulo, 2013.

VERAS, Paulo; MARKMAN, Luna. Na população LGBTQIA+, pessoas trans são as que menos se arriscam a buscar novos empregos. **G1 Globo**, Pernambuco, 18 Jul 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/07/18/na-populacao-lgbtqia-pessoas-trans-sao-as-que-menos-se-arriscam-a-buscar-novos-empregos.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.